

É BLACK E É POWER!

FERREIRA, J. H.¹

¹ Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos – Coord. Minas Gerais /
zehelena.ferreira@gmail.com

Palavra-chave: educação antirracista; direitos humanos; racismo estético-recreativo

Trabalho desenvolvido junto a uma turma de adolescentes do 9º ano do ensino fundamental, numa escola pública localizada na periferia de Divinópolis MG. A turma era composta por 35 adolescentes, em sua maioria negros e negras. Uma das manifestações de conflitos entre meninos e meninas dizia respeito à aparência e às críticas às características afro-brasileiras de grande parte da turma – em especial, quanto ao tipo de cabelo. Aqueles e aquelas que tinham coragem para se manifestar diante da discriminação (muitos e muitas mantinham-se em silêncio), nomeavam-na como bullying. Diante desta situação, foi desenvolvido o projeto “*É Black e é Power*” com o objetivo de questionar os princípios colonialistas e próprios da branquitude e, ao mesmo tempo, acolher meninos e meninas negras vítimas do racismo estético e recreativo e fortalecê-los na luta contra a discriminação. Outro objetivo foi nomear corretamente a prática discriminatória: racismo estético, racismo recreativo, evitando a banalização do termo bullying e, ao mesmo tempo, fortalecendo a luta antirracista. Inicialmente, foram trabalhados os conceitos de igualdade e desigualdade / diversidade e diferença (Alencar, 2012), conceitos referentes a padrões de beleza e o processo de construção dos mesmos, com ênfase no “American Way of Life” e no eurocentrismo presente na sociedade brasileira. Posteriormente, a turma dedicou-se ao estudo da história do Black Power como movimento político do início do século XX (Abreu, 2022) e, em seguida, dos conceitos de racismo criativo e racismo estético (Xavier, 2025). A próxima etapa do trabalho foi a realização de duas rodas de conversa com um jovem negro skatista e uma jovem do Movimento Negro Unificado da cidade, ambos usuários do Black Power. As rodas de conversa oportunizaram o debate sobre a organização do povo negro e as manifestações culturais protagonizadas pela população negra na cidade e também sobre os cuidados com o cabelo e a estética afro-brasileira. Os trabalhos relacionados ao projeto foram finalizados com uma apresentação de SLAM e uma batalha de rima, da qual participaram vários meninos e meninas da turma, coordenados pelos jovens que contribuíram com as rodas de conversa anteriormente realizadas. Para além do conhecimento histórico sobre processos políticos e econômicos que norteiam as questões relacionadas à aparência e validam (ou não) uma determinada forma de se vestir, de se pentear, de se manifestar, o projeto contribuiu com a formação antirracista de toda a turma. Por um



I SEMINÁRIO NACIONAL DO ONVE

Educação democrática,
direitos humanos e
enfrentamento às violências

24, 25 e 26 / novembro
UFF - Niterói

lado, os questionamentos relacionados à branquitude, ao colonialismo, ao eurocentrismo. Por outro, o reconhecimento da cultura africana e afro-brasileira. E ainda: a importância de conhecer e de nomear corretamente as práticas discriminatórias para se fortalecer no enfrentamento às mesmas.



observatório nacional da
violência contra educadoras/es